

# COMUNICAÇÃO



*Esta seção traz análises do principal tema nacional tratado pela mídia brasileira e estrangeira em meados de agosto: as queimadas ocorridas na Amazônia e a catastrófica política ambiental do governo Bolsonaro, que vem sendo bastante criticada na imprensa. Analisa ainda a repercussão das notícias nas redes sociais online.*

## A repercussão das queimadas na Amazônia nas redes sociais

Um dos elementos cruciais nesse momento para o debate que envolve a Amazônia é a politização sobre o tema. Para além das manifestações de líderes, influenciadores e celebridades dos mais variados espectros políticos, chama a atenção a inexistência de lideranças políticas no Brasil que tenham, até aqui, se posicionado como figuras centrais nesse debate.

A ausência de uma figura que conduza a indignação com o tema é nítida. Em algumas poucas imagens Marina Silva é lembrada, mas em volume ínfimo. Povos originários e bombeiros são lembrados, ainda que em pequeno volume. Bolsonaro, por sua vez, é extremamente citado como o responsável pelas queimadas.

As questões político-ambientais fizeram com que a esfera de atuação da rede de esquerda ficasse reduzida, no Twitter, a apenas 9,77% do universo analisado. Em termos de comparação, esse agrupamento ocupa regularmente entre 34 e 55% dos universos de análise de temas políticos

Ao observar comentários realizados no Facebook, deve-se ponderar a ideia de que “todos gostam e defendem a preservação da natureza”. No momento, isso pode ser um erro, pois muitos usuários e não apenas da rede bolsonarista tratam o tema com descaso e “muito barulho por nada”.

Assim, o monitoramento aponta que, em 21 de agosto, 58,62% dos comentários eram em defesa

da Amazônia e críticos ao governo Bolsonaro, enquanto 33,33% eram contra as manifestações e em defesa de Bolsonaro. No dia 22 à tarde, esse volume caiu para 51,25% positivo e subiu para 41,25% negativo. No fim, do dia, pós manifestações de Macron pelo Twitter, essa disputa ficou ainda mais nítida: 59,57% dos comentários defendiam Bolsonaro, enquanto 25,53% criticavam o governo federal e defendiam a Amazônia.

Para além de analisar os números de forma meramente quantitativa, deve-se interpretá-los como um alerta na condução da narrativa desse tema: é preciso pensar em formas alternativas de dialogar e mostrar o problema político que está por trás das queimadas e o desmatamento da Amazônia promovido pelo governo Bolsonaro.

Deve-se ter em mente que uma das linhas de contra-ataque da rede bolsonarista - linha essa potencialmente positiva para Bolsonaro - unifica argumentos contra: interferência estrangeira + criminalização das ONGs + defesa da soberania + argumento de que "sempre foi assim e só estão falando porque é o Bolsonaro".

Em suma, talvez o principal obstáculo a ser superado aqui (e que pode resultar em ganhos políticos para quem conseguir ultrapassá-lo) é explicar e expor elementos que possam dialogar com um setor da sociedade de que não se impacta com questões ambientais e ao mesmo tempo desconfia de uma mobilização internacional em torno de um tema que, segundo esses usuários, não merece tanta atenção.

### **Bolsonaro é visto como desastre na política ambiental**

A desastrosa atuação do governo Bolsonaro em relação à devastação da Amazônia vem ampliando a imagem negativa do governo, nacional e internacionalmente, e recebeu críticas de editorialistas dos grandes grupos da mídia tradicional brasileira.

Até mesmo o *Estadão*, que vinha aliviando constantemente para o lado do governo sob o argumento de que foi eficiente na aprovação das reformas e no plano de privatizações, publicou no dia 25 de agosto o editorial intitulado "A defesa da soberania nacional", no qual afirma que "Em oito meses, Jair Bolsonaro conseguiu arruinar a reputação do Brasil

em uma das poucas áreas nas quais o país se destacava de maneira razoavelmente positiva".

O texto diz que o chefe de Estado age de forma autoritária e imprudente diante da crise da Amazônia, "deflagrada por atitudes intempestivas a respeito do meio ambiente, adotadas irrefletidamente pelo presidente Bolsonaro e alguns de seus ministros." O texto destaca ainda a péssima repercussão internacional da atuação do presidente e seu tom nada diplomático em relação aos governantes da Alemanha, da Noruega e da França, que o haviam criticado. E conclui que "ao preferir ofender a inteligência de todo o mundo civilizado, o governo Bolsonaro apenas desmoraliza o Brasil".

A mesma crítica aparece no editorial da *Folha de S.Paulo*, "Abaixar o Fogo", publicado em 24 de agosto, que destaca as bravatas do presidente como agravantes da crise gerada pela elevação do desmatamento. "Bolsonaro demitiu o diretor do órgão que apontou números desfavoráveis; sem nenhuma base, apontou ONGs como suspeitas de piromania florestal; por fim, distribuiu críticas a países europeus que cortaram verbas para o país e questionaram sua política ambiental."

O texto ainda alerta para as possíveis consequências na esfera econômica: "O estrago de imagem está feito, de todo modo, e pode ter repercussões comerciais importantes. Franceses e irlandeses já ameaçam o acordo Mercosul-União Europeia, que precisa ser aprovado por todos os países envolvidos." E conclui que a principal medida entre as necessárias para estancar a crise é o ajuste do tom de Bolsonaro.

Também no dia 24 o integrante do conselho editorial do *Grupo Globo Merval Pereira* publicou artigo no qual argumenta que a mobilização do mundo em torno das queimadas da Amazônia deve-se à inabilidade da retórica, muitas vezes seguida de atos concretos, do governo brasileiro em relação ao meio ambiente, desde o início do mandato de Bolsonaro. "O governo brasileiro, se tivesse o mínimo de inteligência política e compreensão da inter-relação das economias num mundo globalizado, tinha feito algo desde o início da estação de seca na região", afirma.

O título da reportagem do *Valor Econômico* publicada no dia 26 de agosto, "Brasil quer mais prote-

ção para jacarandá, tubarão e borboleta”, anuncia com sarcasmo o descaso do governo brasileiro em uma convenção de Genebra realizada ao mesmo tempo em que é acusado na cena internacional de pouca vontade para proteger a Amazônia. O texto cita ainda recente gafe cometida pelo presidente Bolsonaro, que atacou a Noruega pelo que chamou de "matança das baleias", postando imagens que na verdade tinham sido feitas na Dinamarca.

### As queimadas na imprensa estrangeira

As queimadas na Amazônia foram o assunto da maior parte das reportagens publicadas sobre o Brasil nos grandes veículos de comunicação do mundo em agosto. O país voltou a ser alvo de publicações diariamente, algo que só foi visto, na história recente, em 2016 quando havia milhões de pessoas nas ruas em função do golpe de Estado que ocorria. Nos dias atuais o que voltou a atenção do mundo para o Brasil foi política ambiental do governo de Jair Bolsonaro.

Para os veículos estrangeiros, as queimadas na Amazônia serviram para confirmar o que já vinha sendo noticiado por eles desde que Bolsonaro assumiu o poder: que o atual governo não tem compromisso com a preservação do meio ambiente e da Amazônia, em especial. Os constantes ataques aos povos indígenas, aos órgãos de fiscalização como Ibama e ICMBio, além da retórica de fortalecimento do capital ante as questões de preservação do meio ambiente vêm sendo noticiados no mundo todo desde a campanha eleitoral de 2018. O aumento do desmatamento foi tratado nessas reportagens como a materialização dos objetivos do discurso bolsonarista.

Os textos publicados nos jornais estrangeiros apresentam Jair Bolsonaro como um negacionista do aquecimento global que se cercou de outros céticos que não se preocupam com a aceleração do desmatamento. O *New York Times* coletou gráficos das queimadas registradas na região desde 2001 e convocou especialistas para analisá-los. A conclusão foi de que nunca se tratou de um fenômeno natural. O período de agosto a outubro é o espaço de tempo com o maior número de ocorrências e esse intervalo coincide com o período de prepara-

ção do plantio de soja e milho, culturas que cercam a floresta amazônica em diferentes estados.

Atear fogo é uma das práticas adotadas por produtores rurais. Além disso, de acordo com os cientistas da Universidade de Maryland, os gráficos mostram que houve um aumento no número de queimadas, algo que já havia sido apontado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o Inpe, órgão que foi alvo de censura do governo federal por ter divulgado dados sobre o desmatamento.

A Amazônia é tratada pelos veículos estrangeiros não como o “pulmão do mundo”, mas como um ponto de equilíbrio do clima no planeta. Por isso, a primeira avalanche de notícias sobre a crise ambiental tratava das queimadas que chegaram até o Sudeste do Brasil nas nuvens carregadas de fuligem. A partir dessas notícias, o presidente da França publicou um texto no Twitter dizendo que “nossa casa” estava literalmente queimando. O posicionamento é carregado de teor político, como apontou a revista britânica *The Observer* – uma publicação especial do jornal *The Guardian* que sai aos domingos, dia considerado o mais importante para a imprensa.

Em um editorial publicado no dia 25, o veículo inglês apoia a intenção de Emmanuel Macron de impor sanções ao Brasil e classifica Jair Bolsonaro como integrante de um grupo de políticos populistas de extrema-direita que negam o aquecimento global. O grupo seria liderado por Donald Trump. No dia seguinte, em outro editorial, o *Guardian* afirma que Bolsonaro não pode buscar saídas para a crise econômica ameaçando o planeta. O fato é que o posicionamento do presidente francês fez com que a situação da Amazônia se transformasse em uma briga política e diplomática. A discussão pública entre Jair Bolsonaro e Macron foi notícia em todos os veículos de comunicação do mundo. Inclusive, o comentário do presidente brasileiro sobre a esposa do francês e as críticas nada diplomáticas feitas por Eduardo Bolsonaro e pelo ministro da Educação.

A briga diplomática acentuou a crise com relação ao meio ambiente e colocou Bolsonaro como um presidente que não é razoável e que não tem habilidade para lidar com a diplomacia. Na maior parte dos textos que rodaram o mundo através dos grandes veículos como *Economist*, *Guardian*, *Le Monde*, *El*

*Mundo*, *Diário de Notícias*, *DW* e *New York Times*, o presidente brasileiro foi mencionado como político populista de direita, racista, homofóbico e misógino.

O personagem que acabou ficando em posição antagonista, Emmanuel Macron, é lembrado somente por sua agenda em prol do meio ambiente. Os ministros brasileiros foram citados como céticos do aquecimento global e favoráveis a aceleração do desmatamento de florestas em prol de supostos benefícios econômicos. Além de expor o que era declarado por estes personagens, as reportagens ainda ouviram especialistas e ambientalistas.

Os primeiros afirmaram de forma uníssona que as queimadas foram causadas, exclusivamente, pela ação de pessoas. Os ambientalistas foram utili-

zados nos textos para reforçar os argumentos de que o governo brasileiro tem sido condescendente com o desmatamento de florestas porque desde o começo do ano vem aplicando medidas que diminuem a fiscalização e a aplicação de multas e, por outro lado, ainda promove um discurso que incentiva o desmatamento.

A postura do governo brasileiro foi muito bem resumida pela manchete de uma reportagem do periódico português *Diário de Notícias*: “Da China à França. Bolsonaro declara guerra ao mundo”. O tom da imprensa estrangeira é muito mais crítico do que o utilizado pela imprensa brasileira. Outra enorme diferença é que os posicionamentos adotados por Jair Bolsonaro e os seus costumam sempre ser confrontados por opiniões que servem como contraponto.